



Circunstâncias de criação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas: um estudo preliminar.

Regina Maria dos Santos¹
 Leonardo Valério da Silva Tavares²
 Débora Enoque Cruz³
 Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza⁴

RESUMO

Trata-se de um estudo histórico-social sobre as circunstâncias de criação do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Alagoas no recorte temporal de 1973 a 1975, ano que iniciou o ciclo profissionalizante. Seu objetivo foi descrever e analisar estas circunstâncias. O estudo foi realizado em Maceió-AL, as fontes primárias foram documentos dos arquivos locais e depoimentos de ex-alunas e ex-professores, colhidos por entrevista semi-estruturada. Fontes secundárias foram consultadas para contextualização do estudo, sendo as informações submetidas à análise sob o pensamento de Pierre Bourdieu. Os resultados evidenciaram um momento propício para a decisão de criar o curso. As alunas cursaram o ciclo básico unificado, contaram com o apoio e amizade das professoras durante sua formação.

Palavras-chave: Enfermagem; História da Enfermagem; Educação em Enfermagem.

Circumstances of creation of the Nursing in Federal University of Alagoas: a preliminary study.

ABSTRACT

This is a historical-social study in which the object was the circumstances to establish the degree course in nursing at the Federal University of Alagoas in the time frame from 1973 to 1975, the year that started the cycle professional. The goal was describe and analyze these circumstances. The study

¹Dra em Enf.; Líder do GEDIM/ESENFAR/UFAL; membro do Nuphebras/UFRJ; presid ABEn-AL relpesantos@gmail.com

² EnF^o do Hosp. Sanatório/Maceió-AL, suplente COREN-AL; pesquisador do GEDIM/ESENFAR/UFAL

³ EnF^a; Residente da EEUFBA; pesquisadora do GEDIM/ESENFAR/UFAL

⁴ Dra em Enf.; membro do GEDIM/ESENFAR/UFAL; Líder do PROCUIDADO/UFAL; Diretora do CEPEn/ABEn-AL

was carried out in Maceio-AL, were the primary sources documents from local archives and testimonies from former students and former teachers, gathered by semi structured interview. Secondary sources were consulted for background study, and information submitted for analysis from the thought of Pierre Bourdieu. The results showed a propitious moment for the decision to create the course. The students attended the unified basic cycle, had the support and friendship of the teachers during their formation.

Key works: Nursing; Nursing History; Nursing education

Las circunstancias de la creación del curso de Enfermería de La Universidad Federal de Alagoas: un estudio preliminar.

RESUMEN

Esta es un estudio histórico-social cuyo el objeto fue establecer la licenciatura en enfermería en la Universidad Federal de Alagoas, en marco de tiempo desde 1973 hasta 1975, año en que comenzó el ciclo profesional. Su objetivo fue describir y analizar estas circunstancias. El estudio se llevó a cabo en Maceió-AL, eran los documentos de fuentes primarias de los archivos locales y los testimonios de antiguos alumnos y antiguos profesores, reunidos a través de entrevistas semi-estructuradas. Las fuentes secundarias fueron consultados para el estudio de antecedentes, y la información presentada para su análisis en el marco del pensamiento de Pierre Bourdieu. Los resultados mostraron un momento propicio para la decisión de crear el curso. Los estudiantes asistieron el ciclo básico unificado con apoyo y la amistad de los profesores durante su formación.

Palabras clave: Enfermería; Historia de la Enfermería; Educación en Enfermería.

Considerações iniciais

Trata-se de um estudo histórico-social sobre as circunstâncias em que se deu a criação do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no recorte temporal de 1973 a 1975. Nossa motivação resultou do interesse mútuo de estudantes e professoras, em aprofundar a análise sobre mais um aspecto que vem delineando o cenário da Enfermagem Alagoana, seguindo a linha de pesquisa História da Enfermagem, do Grupo de Estudos D. Isabel Macyntire (GEDIM), no sentido que considera o estudo histórico como uma prática interpretativa da realidade⁽¹⁾.

Para delimitar o objeto foi necessário visitar o contexto social do Brasil na segunda metade da década de sessenta consultando fontes secundárias em busca dos conflitos existentes num regime de exceção, momento em que o Brasil vivia o chamado “milagre econômico”, que teve profundos reflexos no movimento da educação e da saúde à época. A Enfermagem, também sofreu as influências do clima de tensão e pretensão crescimento, ora acompanhando as diretrizes do governo ao receber deste o incentivo à abertura de novos cursos de graduação, ora se opondo de forma marcante, através da Associação Brasileira de Enfermagem ⁽²⁾.

Alagoas também viveu esta conjuntura de crescimento e com relação à Enfermagem, em particular, alguns fatores parecem ter propiciado a criação de um curso superior, como se segue: A existência de poucas enfermeiras nesse espaço social desenvolvendo suas atividades em unidades interioranas de saúde da Secretaria de Saúde e Serviço Social (SSSS), na Fundação de Serviços de Saúde Pública (FSESP), em unidades ambulatoriais do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), na única escola de auxiliares de enfermagem existente no estado e a permanência em 1973 do navio-hospital HOPE por cerca de 10 meses em Maceió ⁽³⁾.

As professoras da escola foram legítimas demonstradoras do trabalho da enfermeira nas instituições hospitalares existentes à época, mas, não respondiam pelos serviços de enfermagem, o que era feito pelas auxiliares de enfermagem, suas ex-alunas, as quais não detinham autoridade nem legal nem de formação suficiente para chefiar serviços ⁽⁴⁾ o que passou a ser percebido após a permanência do Navio HOPE em Maceió.

Diante desta conjuntura, muitas interrogações ficaram sem resposta, considerando que, até o momento, os escritos existentes não alcançaram, em seus recortes temporais, o período em que se deu o acontecimento em estudo, criando uma lacuna no conhecimento produzido que é importante preencher. Assim, neste momento, a seguinte questão foi basilar para nortear a nossa pesquisa: Como se deu a criação do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas? Para respondê-la, traçamos como objetivo para este estudo: Descrever e analisar as circunstâncias de criação do curso de graduação em Enfermagem da UFAL, na gestão do Reitor Nabuco Lopes, em 1973.

Percurso metodológico

A pesquisa foi do tipo histórico-social, para a qual o objeto não é um fragmento do real, um

dos aspectos isolados da atividade humana, mas o próprio ser humano considerado no seio dos grupos de que é membro, da sociedade em movimento ⁽⁵⁾. Em outras palavras, esse tipo de estudo permite elucidar o movimento dos grupos sociais em suas relações, na busca das melhores posições nos campos onde travam as suas lutas⁽⁷⁾.

Ao estudar este movimento na perspectiva dessa investigação foi possível descrever as contradições e as forças que atuaram nos diversos espaços sociais no momento de criação do curso da UFAL. Também pudemos visualizar como se deu a inserção deste novo grupo social no campo da saúde no município de Maceió que, naquela época, detinha acanhada participação de enfermeiras, convivendo com as auxiliares de enfermagem e com atendentes que exerciam o que foi chamado, nos escritos de Santos, de “Enfermagem rudimentar e artesanal” ⁽⁴⁾. Vale aqui salientar que somente em 1973, ano de criação do curso, a UFAL contratou a primeira enfermeira do seu quadro, em função das exigências do Projeto HOPE ⁽³⁾

O estudo foi realizado na Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas (EENFAR), onde o curso foi implantado, tendo como recorte temporal o ano de 1973 quando o curso foi criado e o ano de 1975, ano em que a primeira turma ingressou no ciclo profissionalizante. Foi resultado de projeto financiado pelo programa PIBIC/CNPq.

As fontes primárias dessa pesquisa foram divididas em dois grupos, a saber: Grupo A – documentos existentes nos arquivos do Instituto Histórico Geográfico de Alagoas, da EENFAR, Hospital Universitário e Pro- Reitoria de Graduação da UFAL (ofícios, atas, comprovantes de matrícula e histórico escolar, entre outros); Secretaria Estadual de Saúde; Grupo B – documentos resultantes da transcrição de entrevistas semi-estruturadas com ex-alunas e ex-professores.

Para recolher a fala desses últimos sujeitos recorreremos à História Oral, técnica que permite tomar os depoimentos das pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado, possibilitando entender a sociedade através do indivíduo e analisar as diferentes interpretações e testemunhos através de comparações entre o geral e o particular⁽⁶⁾ Dentro desta perspectiva, buscamos a História Oral Temática, para que não houvesse dispersão no foco das informações necessárias à elucidação do acontecimento em estudo. Foram incluídas neste recorte 17 entrevistas, transcritas e rerepresentadas aos depoentes para autorização de sua utilização. Houve o cuidado por parte dos pesquisadores de identificar o lugar social dos sujeitos entrevistados, abordando suas posições no campo estudado à época e na atualidade, evidenciando o lugar

privilegiado que ocuparam neste acontecimento e demonstrando a autoridade do seu discurso.

As fontes secundárias foram livros e artigos sobre a História do Brasil e de Alagoas, a fim de contextualizar o acontecimento em estudo na realidade de que fazia parte, artigos sobre a educação em Enfermagem no Brasil e trabalhos sobre a história da UFAL. Após a coleta, as informações recolhidas foram submetidas, com utilização de um roteiro, à análise crítica interna e externa dos documentos encontrados, sendo depois reunidas em textos e analisadas sob o olhar de Pierre Bourdieu⁽⁷⁾, tomado como referencial teórico para este estudo.

O projeto com base no que reza a Resolução 196/96-CONEP foi submetido ao Comitê de Ética da UFAL e aprovado sob o n.º 009482/2006-16. Os sujeitos que participaram da investigação leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, oportunidade na qual foi solicitado a doação de seus depoimentos para pesquisas futuras e guarda provisória dos mesmos no GEDIM/ESENFAR.

Resultados

Optamos por organizar e apresentar os resultados desse estudo a partir dos seguintes itens: 1. A Composição do Espaço Social Brasileiro e o campo da Enfermagem; 2. O cenário alagoano; 3. O momento da criação do curso e 4. A organização do curso e a chegada da primeira turma.

1. A Composição do Espaço Social Brasileiro e o campo da Enfermagem

No período pós-guerra, um dos problemas enfrentados pelo Brasil dizia respeito à situação educacional da população e o nível de preparação dos trabalhadores, geralmente baixo, voltado para a vocação agrícola. Depois de 1950, os esforços se voltaram para a modernização e industrialização do país, que demandava recursos humanos qualificados para que pudessem trabalhar nas empresas multinacionais advindas dos países ricos. Esta época, ainda, se apresentava como de intensa mobilização popular por Reformas de Base, que exigiam mudanças estruturais em diversos setores da sociedade e questionava o modelo de organização social vigente⁽⁸⁾.

Neste contexto, os problemas gerados pela nova política educacional, embora fossem quase desconsiderados, exceto pela existência dos excedentes aprovados em vestibular que a Universidade não dava conta de absorver, somaram-se os problemas conjunturais decorrentes da tendência do

governo João Goulart em alinhar-se com os comunistas, tornando clara a coexistência não tão pacífica entre agentes política e ideologicamente contrários, a direita capitalista e a esquerda comunista⁽⁸⁾.

Neste momento politicamente instável, ocorre o golpe que reconfigura a identidade política do país, com a instalação da ditadura militar em 1964 que vigorou até 1984, com a adoção de uma postura “nacionalista”, com o discurso de superar o atraso tecnológico brasileiro. A educação é vinculada à economia através do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), consolidando o modelo de desenvolvimento pela internacionalização da economia e exigiu a reorganização da política estatal em todos os níveis, inclusive com o apoio técnico da Agência Americana de Investimento e Desenvolvimento-USAID⁽⁹⁾.

A USAID, em convênios com os governos militares através do Ministério da Educação e Cultura (MEC), realizou acordos com investimentos norte-americanos para o “desenvolvimento” do país, sugerindo-se que este apoio se fez presente no golpe militar, traduzido pela forma autoritária como as reformas foram executadas⁽⁹⁾. Lúcia Leite lembra este detalhe quando diz que:

(...) a gente era muito, muito subserviente aos Estados Unidos, e não só nessa época, eu acredito que essa subserviência vai até hoje. Por causa disso, tudo tinha que pedir licença pra lá, tudo tinha que ter o aval de lá, tendo o aval de lá, era uma maravilha. Tava tudo certinho. (Lúcia Leite)

Essa influência refletiu na educação do Brasil através da Reforma Universitária de 1968, publicada na forma de Lei n.º 5.540 de 28/11/1968, sendo esta, um dos “produtos” da influência vitoriosa dos EUA no golpe de 64⁽¹⁰⁾.

A reforma de 68 representou um marco do Estado como orientador de políticas para a educação superior, que naquele momento: 1- assumiu diretamente o controle (...) de várias instituições; 2- passou a orientar gastos e investimentos; 3- tentou formar uma rede de relações entre atores acadêmicos e setor produtivo (...) e entre Universidade e sociedade (...).⁽⁸⁾

O sistema educacional brasileiro deveria ser planejado a fim de preparar força de trabalho qualificada e suficiente para suprir o sistema econômico. Para tanto, mudou-se (ou facilitou-se) a forma de ingresso às universidades: os exames vestibulares eliminatórios foram substituídos pelo classificatório, com um número pré-fixado de vagas em ordem decrescente de notas médias, independentemente de nota mínima; o exame também passou a ser dividido por área do conhecimento e os cursos em dois ciclos, sendo o básico comum aos estudantes por área e o

profissionalizante específico⁽¹¹⁾ Essa diferença é relatada também por Lúcia Leite:

no nosso curso as aulas eram dadas só pra nós, não tinha estudante de outros cursos, anatomia era só a turma da gente, todas as disciplinas né?! (...) E com a reforma não, com a reforma os alunos passaram a ter aulas em conjunto com outros alunos da área da saúde. Passaram a ter anatomia junto, fisiologia junto, biologia junto, bioquímica... (Lúcia Leite)

Buscou-se também estimular um maior número de matrículas em carreiras voltadas à formação profissional, prioritariamente em cursos da área de saúde, tecnologia e de formação de professores do ensino médio⁽¹¹⁾. A pesquisa foi incentivada a partir da institucionalização dos cursos de pós-graduação e do apoio de agências financiadoras governamentais, como a CAPES⁵ e a FINEP⁶⁽⁸⁾

A estrutura administrativa das instituições de ensino foi modificada, com a implementação de um modelo de organização burocrática na universidade⁽¹¹⁾. Pretendia-se agrupar cursos, docentes e alunos dentro de uma mesma estrutura administrativa, de preferência longe dos centros urbanos. Outras táticas da reforma foram a extinção das cátedras, a constituição dos departamentos e a mudança curricular de seriado para o sistema de créditos, dentre outras. No sentido da crise que se instalou nas universidades pela falta de qualidade e de recursos, as instituições de ensino superior foram “culpadas” pelas deficiências que a própria política do governo implantara. Dada tal situação, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) encomendou um estudo a fim de estabelecer, mediante critérios técnicos definidos, as metas quantitativas de expansão de vagas. Proibiu-se a redução de vagas existentes nas primeiras séries dos cursos superiores, exceto em casos de autorização expressa do Conselho Federal de Educação.⁽¹¹⁾

Na Enfermagem, o Dept.^o de Assuntos Universitários do Ministério de Educação e Cultura - DAU/MEC convidou três enfermeiras docentes (as “Três Marias”) vindas de três Escolas de Enfermagem de regiões populosas e com papel de liderança na profissão (no caso, Maria Rosa de Souza Pinheiro da USP, Maria Dolores Lins de Andrade da UFRJ e Maria Nilda Andrade da UFPE) para traçar um diagnóstico situacional da Enfermagem de nível superior no país. Foram escolhidas não sem atentar para o perfil de expressão intelectual das profissionais convidadas a prestar consultoria⁽¹²⁾.

O quadro estudado pela consultoria mostrou-se caótico, traçando um déficit no número de

⁵ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

⁶ Fundação Financiadora de estudos e Projetos

profissionais estimado em 38.600 enfermeiros para o ano de 1980 – onde a enfermagem era a área do ensino superior que menos havia crescido em 20 anos, de 1953 a 1973⁽¹²⁾. Declarava a inexistência de cursos de enfermagem em várias regiões do país como Norte Nordeste e Centro-Oeste, além da baixa vinculação de cursos de enfermagem à subordinação federal/pública, pois a maioria era de propriedade de grupos religiosos e com recursos materiais e humanos escassos e ultrapassados. Porém, o CFE também montou uma comissão própria, composta por 3 médicos, para realizar um levantamento dos currículos da Enfermagem e fundamentar o estudo, sendo que seu teor diverge dos estudos que também foram realizados pela ABEn⁽¹³⁾.

A centralidade do debate se deu no investimento governamental para aumentar o número de vagas nas Escolas já existentes e nas universidades federais que tivesse potencial e demanda, tendo como objetivo final a inversão do quadro do Ensino Superior, de dominante privado para público. No que diz respeito ao currículo de Enfermagem, a Reforma de 68 trouxe o Parecer 163/72 e a Resolução 4/72 do Conselho Federal de Educação, onde a medicina e a enfermagem curativas encontravam-se totalmente fortalecidas por um modelo favorável ao consumo desmedido de medicamentos, bem como a indústria de equipamentos médico-cirúrgicos, fundamentais às empresas de saúde⁽¹³⁾. Este modelo de atenção dividido por especialidade médica foi mais tarde re-conhecido como “modelo biomédico de atenção à saúde”. Isso pode ser corroborado quando Lira sugere que o governo parecia preferir pagar à iniciativa privada pela prestação de cuidados ao povo, na assistência curativa. Prova disso foi a inserção dos planos de saúde e o crescimento da rede particular de serviços de saúde⁽³⁾.

Foi a Lei N.º5692, de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira sancionada em 1968 que regulamentou, então, a Reforma Universitária implantada em 1970. Para a Enfermagem esta nova Lei trouxe mudanças radicais e muitas preocupações para as diretoras das escolas com a manutenção do padrão de qualidade e com os custos das novas estruturas escolares. Os estudos de Baptista e Barreira^(14, 15), por outro lado, discutem as lutas no processo de inserção definitiva da formação de enfermeiros na universidade.

A Resolução n° 4/72, de 25 de fevereiro de 1972 que institui o Parecer 163, ajusta o currículo mínimo dos cursos de Enfermagem e Obstetrícia em 3 partes sucessivas: a) pré-profissional; b) tronco profissional comum levando à graduação em enfermagem e habilitando o acesso à parte seguinte; c) de habilitações, conduzindo pela seleção de matérias adequadas à formação do Enfermeiro Médico-Cirúrgico, da Enfermeira Obstétrica ou Obstetriz, do Enfermeiro de Saúde Pública ou ainda, a

Licenciatura em Enfermagem⁽¹⁶⁾ respectivamente, a partir do Enfermeiro⁽¹⁶⁾. Os estudos de Saúde Pública, segundo Germano, passou de especialização para habilitação na forma optativa⁽¹³⁾. Ou seja, no quadro cruel de saúde do país, um profissional enfermeiro poderia legalmente exercer sua profissão sem ao menos articular seus conhecimentos técnicos científicos com a estrutura social vigente à época.

Segundo Carvalho, a justificativa para a revisão do currículo de enfermagem é que, na década de 70, ele se encontrava desvinculado da realidade, tendo assim seus objetivos não condizentes com as necessidades educacionais dos estudantes, nem tampouco às demandas do mercado de trabalho, tornando imprescindível à revisão dos objetivos e da estrutura curricular do curso, no que tange a duração do curso, nos conteúdos e recursos de aprendizagem⁽¹¹⁾.

Nessas relações, podem-se perceber as interações dos agentes em movimento nos campos da saúde e educação, onde se articulou a reformulação e ampliação dos cursos enfermagem, num esforço de, ao atender às recomendações da OMS e favorecer o alcance dos objetivos da própria ABEn.

Fica bem claro que as demandas sociais não estavam relacionadas como justificativa para alteração dos currículos, já que as políticas governamentais também não buscavam tal superação. Nesta circunstância a ABEn, acabou por apoiar o processo de legitimação das políticas estatais, se amoldando e aprovando a implementação de táticas contrárias às necessidades do país. Assim, se colocou omissa quanto às necessidades da maioria da população, atendendo tão somente aos requisitos e necessidades do mercado de trabalho⁽¹³⁾ e não ao que a população mais precisava: saúde para todos e de qualidade.

Assim, pode-se entender que as práticas de saúde e o exercício profissional estavam a serviço dos processos de privatização regidos pelos órgãos governamentais, cada vez mais restritos às camadas elitizadas da sociedade brasileira, sendo totalmente desvinculados do social, portanto os fenômenos são considerados ao nível da aparência, do meramente factual⁽¹³⁾, sem uma abordagem crítica dos fatos.

2. O cenário alagoano

Nos meados de 1971, época em que se passa o nosso estudo, o “AI 2” já estava obsoleto e a

escolha do Governador do Estado era feita pelo Planalto. O Governador em vigência tinha o privilégio de enviar uma lista de candidatos, mas nem sempre o escolhido era dali retirado. O então governador Lamenha Filho enviou a lista com os seguintes nomes – Dr. Ib Gatto Falcão, Dr. Antônio Gomes de Barros, Coronel José Anchieta do Vale Bentes e Dr. Luiz Renato de Paiva Lima, porém nenhum foi escolhido, sendo nomeado para o cargo o Dr. Afrânio Lages e seu vice, Dr. José Tavares⁽¹⁷⁾.

Neste espaço alagoano, a maioria da população vivia momentos não muito diferentes das camadas mais pobres nos diversos pontos do país. Apesar das tentativas do governo Suruagy, a situação da saúde alagoana não estava tão boa, visto que na década de 70 prevalecia taxas elevadas de doenças preveníveis por vacina, caso este do sarampo, vilão maior e causador da alta taxa de mortalidade infantil no estado⁽¹⁸⁾. Pode-se perceber a desvinculação do currículo proposto pelo Parecer 163/72 da realidade alagoana, agravado ainda pela ausência de um curso de ensino superior de enfermagem no estado e a pouca preocupação das autoridades com a saúde, voltadas que estavam para o aumento da rede de indústrias e comércio do estado⁽³⁾.

Analisando um espaço mais amplo, no âmbito internacional, observamos o interesse dos EUA nos países da América Latina para exercer controle ideológico e, também, difundirem e implementarem seus modelos de saúde e educação. O projeto HOPE é um ótimo exemplo da influência que os EUA exerceram naquele macro espaço, no Brasil, mais especificamente, no estado de Alagoas, no espaço micro-social da saúde alagoana.

O projeto HOPE se caracterizava por ser uma iniciativa do governo americano, vinculado a outros órgãos (Fundação Rockefeller), com o objetivo de prestar assistência médica para ajudar as populações em desenvolvimento⁽³⁾. Dentre os objetivos da vinda do navio a Maceió, ressaltava-se o ensino das mais recentes técnicas da ciência médica norte americana e a atuação dos profissionais americanos em atendimento de casos especiais de saúde, alguns deles nunca vistos pelos próprios americanos (desnutrição, Calazar, dentre outros.). Assim, em 15 de fevereiro de 1973, o navio atracou no porto de Maceió, causando euforia e muita expectativa em torno da sociedade alagoana. Não obstante, os visitantes traziam seus receios de desembarcar num país em regime de exceção, como se pode ver:

A gente ainda estava receoso com o governo daquela época, acho que Geisel, a gente tinha, por exemplo, pessoas botando medo na gente: “- Olha, cuidado com quem você anda, com o que você fala pelo telefone porque pessoas do

governo ta lá vendo”. Na verdade a gente nunca sentiu, porém essa foi à idéia que a gente saiu dos EUA quando se veio, certo? (Bárbara Amiga)

Neste clima, foi a equipe de enfermeiras do Projeto HOPE que iniciou a discussão sobre a valorização da enfermagem, marcando um novo período para a enfermagem alagoana,⁽³⁾ tal qual relata o Jornal Gazeta da Alagoas, noticiando a realização de seminário sobre o “Processo de Enfermagem”, o que não era conhecido no estado:

(...) foi encerrado ontem o seminário sobre o processo de enfermagem, que entre outros pontos abordou o diagnóstico de enfermagem, plano de cuidados e avaliação geral, primeiro de uma série de quatro (...) (JORNAL GAZETA DE ALAGOAS, 13/05/1973)

A partir desta discussão, surgiu a possibilidade de a formação de enfermeiros para um patamar superior, porque no campo de enfermagem em Alagoas, a vinda do HOPE, trazendo enfermeiras de alto padrão e poder científico, havia evidenciado a escassez de enfermeiras graduadas no estado, tal qual informa Vera Rocha e Bárbara Amiga:

Não tinha enfermeira na universidade. Vamos dizer, Lenir já existia aqui, e mais 17 enfermeiras 18, 20 não sei quantas, não me recordo agora, na Fundação SESP (Vera Rocha)

Quando eu cheguei aqui em fevereiro de 1973, tinha 7 enfermeiros no Estado de Alagoas, e a Regina sabe quem foi: a Verônica, a Nete , a Cenira, Ivete, Rachel, etc. Todas estavam nas áreas de saúde pública e saúde coletiva, não tinha nenhuma enfermeira em hospital nenhum em Maceió (Bárbara Amiga)

Sendo assim, essa escassez, associada à: a) a situação precária de saúde em Alagoas; b) ao desejo das norte-americanas em implantar um curso de ensino superior de enfermagem no estado, c) às trocas de conhecimento e cultura entre as enfermeiras norte-americanas e as enfermeiras brasileiras/ alagoanas, criando um vínculo afetivo entre elas; d) ao grande interesse do governo estadual em diminuir as taxas de mortalidade e fazer crescer o estado no campo nacional; e) o interesse do governo federal na política expansionista do ensino através da Reforma Universitária de 68 e da expansão do ensino superior através da Lei n.º 5692; f) a questão nacional da desproporção numérica entre médicos e enfermeiras; g) o esforço que vinha sendo desenvolvido pela Comissão de Especialistas em Educação em Enfermagem, articulada com o MEC a partir do DAU, onde uma

enfermeira encaminhava argumentos para expansão das escolas de Enfermagem, foram razões contundentes para a criação do curso de enfermagem na Universidade Federal de Alagoas.

3. O Momento da Criação: Os eventos que propiciaram na criação do curso de enfermagem da UFAL

No espaço macro, a Reforma Universitária de 1968 indicava já a política governamental de ampliação das universidades brasileiras, além de sua reformulação e reestruturação nos moldes norte-americanos. A UFAL fazia parte desta conjuntura estando, portanto, em busca de sua ampliação. Da relação entre os estudos e a intenção do MEC em ampliar os cursos da área da saúde, surgiu, a oportunidade de abertura de cursos de Enfermagem em locais estratégicos do país, como os seus extremos ou ainda na região central, tais quais Acre, Rio Grande (RS), Goiás, Mato Grosso e mesmo Brasília, onde, em 1970 era incipiente a idéia de criação do curso na UnB⁽¹²⁾, através de investimento significativo do MEC.

No espaço micro-social alagoano, no campo da educação, como outras instituições públicas de ensino superior, em busca de afirmação e fortalecimento e no cumprimento das determinações do MEC, a UFAL tinha interesse no aumento de vagas a serem disponibilizadas pelo vestibular, já que fazia parte de uma política governamental de centralização e expansão das universidades públicas pelo país:

(...) o número de vagas da UFAL para 74 só será definida depois do mês de setembro, quando a Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos concluirá estudos nesse sentido. (...) quanto a criação de novos cursos, como jornalismo, veterinária, agronomia, **enfermagem** (grifo nosso) e engenharia química, a Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos ainda está desenvolvendo planos.
(GAZETA DE ALAGOAS, 15/07/1973)

Nesta reportagem, é divulgada pela primeira vez a intenção da UFAL abrir um curso de Enfermagem. Vale ressaltar que o Estado de Alagoas não se encontrava entre os locais onde o MEC tinha interesse em abrir novos cursos de enfermagem neste momento. Apesar de o Estado apresentar baixo grau de desenvolvimento, número insuficiente de profissionais de enfermagem e saúde precária em todos os níveis, não se encontrava no roteiro da abertura de um novo curso.

Para tanto, existia já uma articulação com a Câmara de Vereadores a fim de discutir a

viabilização dos meios necessários à ampliação da universidade via instalação de novos cursos. Um ofício do Magnífico Reitor estabelecendo este diálogo encontra-se arquivado na Pró-Reitoria de Graduação. Este diálogo da Universidade com as instâncias locais pode estar indicando a “política da boa vizinhança” do Reitor com os governos municipal e estadual, buscando “apoio” e legitimação de suas proposições.

No campo da saúde, ainda em 1973, o Navio HOPE, bancado pela Fundação Rockefeller, aporta em Maceió, dentro da “política de ajuda dos Estados Unidos às nações mais pobres” desenvolvendo programas de saúde em convênio com os governos locais⁽³⁾. As intenções do Navio também era conhecida pelas aspirantes ao novo curso, como Fátima Fontan confirma:

(...) nós alunas a gente achava assim, que realmente eles sabiam mais, porque eles eram estrangeiros né, então, a gente, na cabeça da gente, achava que eles eram os pampas (...) Mas a gente tinha essa cabeça de achar que americano era mais inteligente (...)

Aos olhos do staff do Navio, o estado de saúde era precário, o que era confirmado pelo perfil epidemiológico daquela época⁽¹⁹⁾, condição esta que também era reconhecida pelas aspirantes ao novo curso, como refere uma das pioneiras:

era um estado que não tinha muito recurso e, como alagoas um serviço de saúde, então era tudo muito pobre, (...) Mas os recursos da saúde publica, principalmente no pronto-socorro, era um nojo! (Lena)

Não obstante, a equipe do Navio já era sabedora desde 1972, quando de seu aporte na cidade de Natal/RN, da situação descrita, pois, o HOPE recebeu a visita de autoridades sanitárias alagoanas que, tratando do estado de saúde precário no Estado alagoano e do número insuficiente de profissionais de saúde, fizeram os contatos necessários para a sua vinda para Alagoas. Justifica-se aqui uma segunda visita do navio a um mesmo país, fato até então inédito nos percursos do projeto⁽³⁾.

Sabendo também da inexistência de um curso de Enfermagem de nível superior, o HOPE teria já retornado ao Brasil tendo ciência da possibilidade de recomendar a criação de um curso de Enfermagem de nível superior no Estado, como Bárbara coloca:

Eu tenho a impressão que foi uma recomendação do navio, inclusive eu não posso dizer com absolutamente firmeza porque eu não participei em 72, mas eu tenho a impressão que em Natal, já houve essa idéia de quando for a Maceió

ele já ir com a idéia de criar a Escola de Enfermagem em Alagoas de nível superior, e começou a recomendação, porque como eu falei de acordo com Dr. Úlpio, Alberto Antunes, José Lima, provavelmente essa foi uma das razões porque o navio decidiu voltar para o Brasil, no ano seguinte de 73 (Bárbara Amiga)

O Documentário sobre a história da UFAL⁽²⁰⁾ informa a abertura de convênio com o Project HOPE ainda em Natal e a alusão à abertura do curso de enfermagem é confirmado pela GAZETA DE ALAGOAS em Outubro de 1972:

A vinda do Navio-hospital HOPE à Maceió em fevereiro próximo, abrirá novas perspectivas no campo da medicina e da assistência médica em Alagoas, disse o Reitor Nabuco Lopes, informando que já consta no projeto a realização do curso de Enfermagem, fato que se encontrava em dúvida há pouco tempo, assim como a inclusão de outros órgãos que poderão receber assistência. (GAZETA DE ALAGOAS, 06/10/1972)

Vera Rocha, porém, tem outro juízo para esta questão. Para ela, não houve nenhum vínculo entre a abertura do curso e a presença do navio, ou pelo menos, não reconhecia no Projeto HOPE nenhum indicativo de que ele tivesse um objetivo desta natureza:

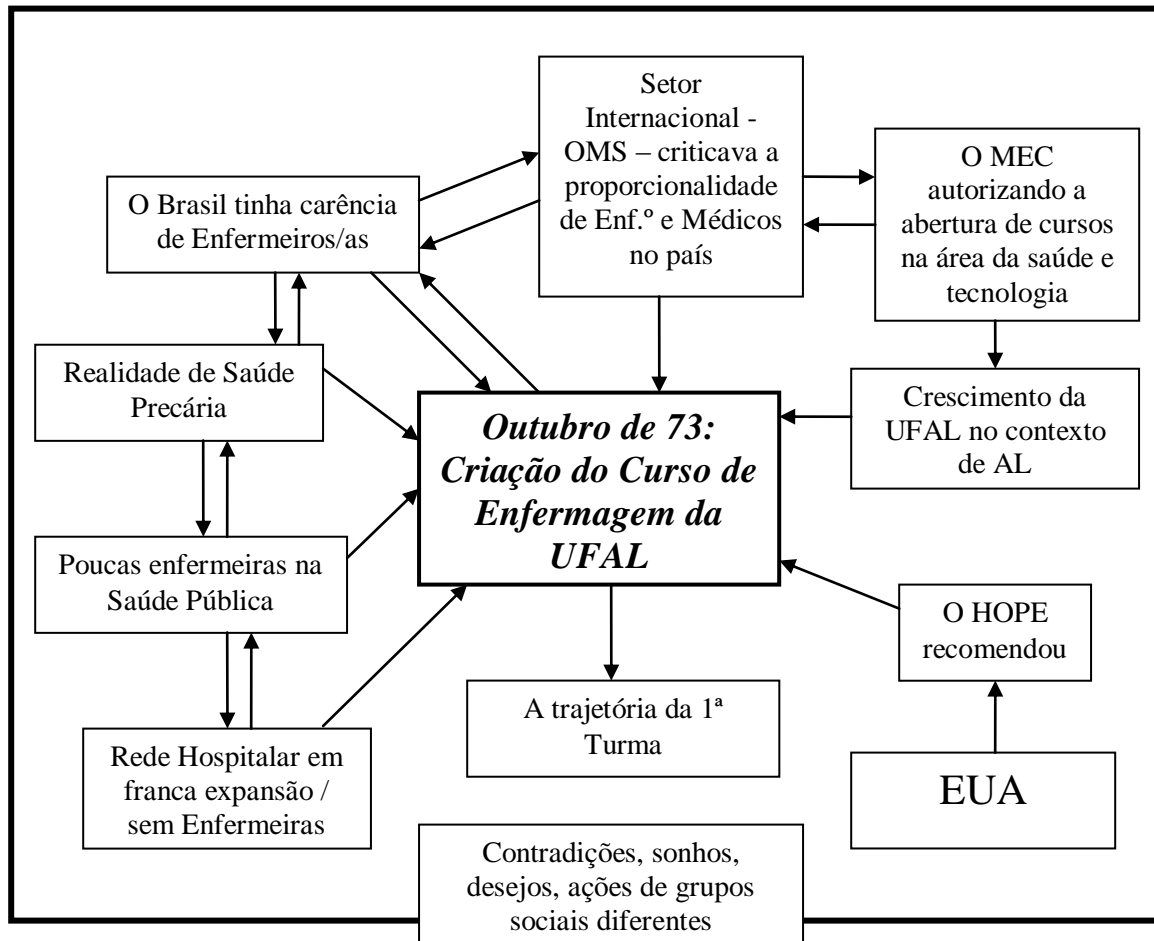
não se pensou em nenhum momento, nem foi motivo do Projeto HOPE, nem era objetivo do serviço de enfermagem do HOPE a criação de escola nenhuma... (Vera Rocha)

O fato de existir contradição nas falas sugere dúvida nos próprios agentes participantes sobre quais reais intenções tiveram as enfermeiras norte-americanas (em nome do HOPE) sobre o desenvolvimento da enfermagem alagoana através da recomendação de criação de um curso superior no Estado. Tal recomendação indicaria a proposta de expansão da supremacia norte-americana em solo alagoano, exemplificada por uma possível implantação de um curso nos moldes americanos. Porém, também expõe a intenção das autoridades alagoanas em ampliar a sustentação do trabalho médico a nível hospitalar com a formação de profissionais enfermeiras de nível superior, destacando-se aqui, mais uma vez, como a enfermagem, ao compor o grupo dos cursos de nível universitário, estivesse colocada numa posição de “fração dominada do grupo dominante”⁽⁷⁾, cujo discurso não soava “autorizado” aos ouvidos institucionais. Talvez, a voz dominante já pertencesse à

medicina, categoria que até hoje se comporta como hegemônica e dominante no campo da saúde.

Nas relações demonstradas pelos agentes em questão, os campos se entrelaçam ao ponto de colocarem em questão alguns dos fatores que culminaram na constituição do curso de Enfermagem. O conjunto de fatores descrito também expõe as contradições, os desejos e as ações dos diversos agentes. Estes também influenciaram na criação do curso de Enfermagem, ao ponto de entender que esse jogo de forças teve desdobramentos no interior do curso e nos caminhos que ele tomou durante a trajetória das pioneiras. Neste processo, não houve um fato explícito para a efetivação do curso, mas sim, um emaranhado de circunstâncias e acontecimentos que se entrelaçaram, como descrito e que pode ser representado pelo diagrama que se segue:

Diagrama 1 – Circunstâncias e acontecimentos que construíram o momento propício para a criação do curso de Enfermagem na UFAL em 1973



4. Organização do Curso e a Chegada da 1ª Turma

A UFAL, embora já contasse com os cursos de medicina e odontologia e mantivesse na Santa Casa de Misericórdia de Maceió estrutura de ensino, não havia contratado nenhuma enfermeira até aquele momento, como diz Vera Rocha:

... Não tinha enfermeira na universidade. Vamos dizer, Lenir já existia aqui, e mais 17 enfermeiras 18, 20 não sei quantas, não me recordo agora, na Fundação SESP. Lenir era coordenadora de enfermagem da secretaria de saúde, mas em hospital não tinha ninguém, e o navio precisaria fazer esse sistema de contraparte entre as enfermeiras americanas, e as locais (Vera Rocha).

Para que o trabalho do HOPE pudesse ser feito conforme planejado, precisaria de enfermeiras

brasileiras para fazer a contraparte citada no depoimento acima. Esta contraparte se dava no sentido de efetivar o intercambio das ações a nível hospitalar e ambulatorial em terra. Nos hospitais, conviviam apenas as professoras e alunas da Escola de Auxiliares de Enfermagem do Estado, ao lado de poucas auxiliares formadas que realizavam o trabalho de enfermagem. Vera Rocha é contratada como 1ª enfermeira da UFAL em março de 1973 para exercer a função de contraparte da coordenadora de enfermagem do Projeto HOPE.

Na medida em que as enfermeiras do Navio atuavam, o seu trabalho ficava mais evidente, até porque os médicos alagoanos não estavam acostumados com enfermeiras trabalhando da forma como as americanas atuavam:

O grande impacto, eu acredito, a chegada do HOPE mostrou que havia outro fazer, tinha uma... As enfermeiras tinham certa competência técnica, e não só a competência técnica, elas tinham autonomia na intervenção com o paciente, né... (Vera Rocha).

Assim, é possível que a convivência com as enfermeiras norte-americanas tenha se somado como mais um argumento à intenção do Magnífico Reitor em criar mais rapidamente o curso de Enfermagem. Sobre este aspecto, o depoimento de Vera Rocha faz entender que não houve participação do Navio na abertura do curso:

... Não se pensou em nenhum momento, nem foi motivo do Projeto HOPE, nem era objetivo do serviço de enfermagem do HOPE a criação de escola nenhuma... (Vera Rocha).

Sobre esta questão uma enfermeira do HOPE que inclusive continuou no Estado depois que o Navio voltou para os EUA e leciona até hoje na Escola de Enfermagem da UFAL, relata e seguinte:

Eu tenho a impressão que foi uma recomendação do navio (...) mas eu tenho a impressão que em Natal já houve essa idéia de quando voltar a Maceió ele já ir com a idéia de criar a Escola de Enfermagem em Alagoas de nível superior... (Bárbara Amiga).

Analisando essas contradições percebemos que os agentes envolvidos com o trabalho no Navio ou na UFAL não estavam atentos a este detalhe, porém, com os acontecimentos históricos pregressos, é perceptível a influência do Navio HOPE neste processo de criação do curso.

Assim, apesar de todas essas contradições, em outubro de 1973 é criado o curso de

Enfermagem e Vera Rocha, anteriormente contratada pela UFAL para trabalhar com a equipe do Navio, se submete ao primeiro concurso público para professor auxiliar do curso de Enfermagem, juntamente com a enfermeira Lenir Nunes da Silva. De acordo com o depoimento de Vera Rocha, o Magnífico Reitor convidou-a para trabalhar na organização do curso e elaboração da grade curricular. Tem-se que este concurso foi realizado em 17 de setembro de 1973, como relata Vera Rocha:

... No dia 17 de setembro de 1973, em agosto já, saiu publicado de concurso para professor, assistente de professor, auxiliar de ensino e na época era efetivo e contratado (...) abriu-se o concurso no Diário Oficial para professores de enfermagem na área de assistente e auxiliar de ensino, eram três candidatos (...) e eu fiz auxiliar de ensino (...) houve inscrição para três vagas. Veio... Uma enfermeira da Paraíba (...) veio Lenir Nunes e eu (Vera Rocha).

Com isso entram para o quadro de professores concursados da universidade alagoana, Vera Rocha e Lenir Nunes da Silva. Ainda em 1973, uma vez criado o curso, foram abertas também as inscrições para o concurso vestibular, oferecendo-se 40 vagas, gerando novos campos para as moças alagoanas, como diz a pioneira Graça

...no ano de 1973, surgiu o curso de enfermagem “eita! Enfermagem” foi uma coisa boa pra mim... (Graça)

Também é notícia no Jornal Gazeta de Alagoas o volume de candidatos ao novo curso:

Inscrições de vestibular 74 são o dobro do anterior: quase 4 mil (inscritos em enfermagem - 111) (GAZETA DE ALAGOAS, 17/11/1973)

Neste primeiro vestibular que oferece vagas para a Enfermagem, a pioneira Ana Maria, diz:

No primeiro semestre entraram cerca de 20 alunos, mas desistiram 4, ficaram 16 e dos 16 terminou em 9... (Ana Maria)

Enquanto os jovens concluintes do ensino médio se preparavam para o vestibular, a Pró-Reitoria Acadêmica (PRASAC), desde julho de 73, fazia discutir no Conselho de Ensino e Pesquisa o arcabouço didático pedagógico do curso, tendo sido indicado a Vera Rocha que participasse de uma comissão para estudar e propor o currículo do curso de Enfermagem:

Aí eu fui chamada para essa reunião em julho de 1973, e foi falada a possibilidade de criação do curso (...) e então o professor (Nabuco Lopes,

então reitor) na época convocou... para criar uma comissão para estudar a possibilidade de criação do curso de enfermagem, composta por Professor Casado, José Lima Casado, Prof. Alberto Fontan e eu, para fazer um estudo de currículos na época, né? (Vera Rocha)

No desempenho do trabalho desta comissão, Vera Rocha, como detentora do discurso autorizado sobre a organização do novo curso, discutia a necessidade de buscar mais subsídios em outras universidades fora do Estado, mais especificamente em Recife, na Escola de Enfermagem de Pernambuco, para se montar a matriz curricular. Vera Rocha ainda diz que foi ao encontro de D. Maria Neide Freire Ferraz, para buscar informações sobre o currículo mínimo da época, porque segundo ela,

... a minha experiência era uma experiência Assistencial, eu não tenho experiência de ensino... e nós fomos orientadas pela Enfermeira Neide Ferraz da Universidade Federal de Pernambuco, não foi uma coisa aleatória, foi criada sim uma comissão constituída por três membros, Alberto Fontan, presidida por mim como única enfermeira e Dr. José Casado, pra juntos esses três elaborarem o 1º marco estrutural do curso de Enfermagem conhecido como currículo... (Vera Rocha).

Com isso, essa comissão, contando com o apoio de D. Neide Ferraz, e algumas enfermeiras americanas começaram a estruturar o currículo pleno do curso de enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, cuja matriz foi organizada adotando-se as contribuições da UFPE.

Como se não fora suficiente os problemas enfrentados para o início do curso, o currículo de Enfermagem, embora cumprindo as disciplinas previstas no Parecer 163/72, tinha a organização dos conteúdos obedecendo a um projeto de unificação do ciclo básico (pré-profissional) que estava sendo proposto pelo MEC e a UFAL se colocava como “experiência piloto”, que advinha da Reforma Universitária de 68 e seria cursado pelos alunos dos diversos cursos afins, neste caso, os cursos da área de saúde. Este ciclo era composto pelas “Unidades Curriculares Comuns – UCC 1 e 2”.

O conjunto das disciplinas cursadas pelas pioneiras revela os objetivos dos investimentos externos no desenvolvimento de recursos humanos em saúde. Este modelo pretendia ser integrador, funcionando numa estrutura de regime acadêmico por crédito e onde não constava nenhum mecanismo que agregasse os conteúdos trabalhados a um modelo de trabalho em equipe, na área da

saúde, separando-se os conteúdos teóricos das experiências práticas. Esta matriz curricular encontra-se arquivada na coordenação do curso de graduação em Enfermagem da UFAL.

Com a matriz curricular pronta, faltava apenas um número maior de professores para compor o corpo docente do novo curso de Enfermagem. A luta pela ampliação do corpo docente ocorreu ao longo do segundo semestre de 1974, tempo este em que as pioneiras cursavam a 2ª Unidade Curricular Comum. Foram realizados contatos entre a UFAL e a UFPE, bem como a Universidade Federal da Bahia - UFBA. Desta, em 1975 chegaram as enfermeiras recém-formadas Cristina Figueiredo, Regina Santos e Zandra Cardoso, esta última em função do convite do reitor Nabuco Lopes à seu pai:

... Na época o reitor daqui era Nabuco Lopes e ele era muito amigo de papai, e professor Nabuco encontrou com papai e conversa vai conversa vem “Como é que tá os filhos?” aí ele contou “Ah!” Tão assim, tão assado, tem uma que tá terminando enfermagem na Bahia agora...” – aí ele disse: “Enfermagem?! Tô abrindo o curso não tenho ninguém! Esta menina tem que prestar serviços ao Estado dela! Diga a ela que venha, olhe tá contratada!” Aí papai mandou me chamar disse “Olha, Nabuco lhe pediu pra ir lá dar uma ajuda...” Aí eu disse “Olhe, eu vou, só pra abrir o curso e ficar nesse espaço trabalhando (...) aí...” “Vamos embora minha gente?” Regina dizia muito assim “Pra onde você for eu vou!”. Aí Cristina engatou atrás, nós tínhamos uma amiga também, gente finíssima, Lucia Bastos, a gente veio fazer a seleção, falar com o professor Nabuco, “É vamos ficar por aqui, até abrir esse curso, dar uma ajuda...” Ele achou ótimo que vieram mais duas pessoas comigo. Lúcia Bastos não ficou... (Zandra).

Elas então fizeram o concurso público para professor e foram aprovadas, assumindo a responsabilidade de formar novas enfermeiras no Estado junto com Vera Rocha e Lenir Nunes:

aí abriu concurso público, outros candidatos de fora vieram, tudo concurso publico normalíssimo, não era esses concursos hoje pra botar gente pra dentro não... Tanto é que veio Ligia de Recife, Violeta da Paraíba, outra moça daqui, não sei quem mais, e nós eu, Cristina e Regina, já estávamos trabalhando como professor, serviço prestado, aí fizemos o concurso e fomos

ficando... (Zandra).

Contando com a ajuda de mais cinco novas professoras, este corpo docente teria mais uma atividade: montar os programas de cada disciplina a ser cursada na parte do tronco profissional. Cabia a elas a responsabilidade de elaborarem projetos das disciplinas específicas do curso de enfermagem.

Sobre este aspecto Zandra comenta:

Era “Fundamentos de Enfermagem”, não tinha nem programa, aí as chefes da enfermagem, Vera Rocha, Lenir Nunes pediram, de ontem pra hoje um programa de “Fundamentos de Enfermagem”... Aí o que é que nós fizemos, colocamos o papel debaixo do braço, pegamos um ônibus de noite e fomos pra Salvador, lá a gente pediu ajuda claro, a gente nunca tinha feito isso na vida né? (...) só sei que depois nós voltamos... Aí engatamos uma quarta, trabalhando feito loucas dia e noite e fizemos o programa de “Fundamentos de Enfermagem”, não tinha absolutamente nada, não tinha nem hospital pra fazer prática. (Zandra).

Não obstante a UFAL ter realizado novo concurso público, e mesmo com o número maior de professoras do que anteriormente, houve dificuldade entre elas para esta atividade, ficando a cargo de poucas,

Nós fizemos tudo, não é isso que eu to dizendo... Particularmente Regina e Cristina, eu vim fazendo tudo, quando chegou no dia que começou minha disciplina eu fiquei nela, ajudava em Fundamentos, ajudava um pouco em Médico cirúrgica, mas fiquei mais nela, assumi a disciplina, que era Enfermagem Materno-Infantil, fiquei com ela praticamente sozinha...e as meninas nas outras se dividindo, e eu também dividia... (Zandra).

Assim, com o vestibular acontecendo em 1974, as novas alunas de enfermagem entram para a universidade e se deparam com um curso novo e cheio de desafios. As aulas se iniciam em março de 1974 no ciclo básico, comum a todos os alunos da área da saúde, no antigo Centro de Ciências Biológicas – CCBI.

Enquanto isso, para a recepção das pioneiras e futuras novas enfermeiras do Estado de Alagoas, algumas providências tiveram que ser tomadas. Uma delas foi alocar salas de aula, sala de professores, ou seja, montar uma estrutura para realização do curso recém criado, o qual era vinculado ao

Departamento de Medicina Interna do Curso de Medicina. Este departamento era chefiado por Dr. Osvaldo Brandão Vilela. Sobre isso Vera Rocha comenta:

Nós vivíamos nos galpões da Petrobras, e nós arrumamos uma sala de aula de técnica com alguns manequins que o Hope doou, uma sala dos professores, uma sala da chefia e três salas de aula (...) o curso de enfermagem começou, teve origem no departamento de clínica médica, quem era chefe era o Dr. Osvaldo Brandão Vilela. Então nós éramos setor de estudos do departamento de clínica médica... (Vera Rocha).

Porque não existia esse prédio aqui não, o CSAU ainda não existia, então foi exatamente quando a gente saiu de lá eles derrubaram aqueles prédios que foram os prédios da Petrobrás que na verdade foram emprestados para a gente usar, mas era um tipo um galpão, era um Box de madeira, foi que, na verdade, então eles derrubaram (Bárbara Amiga)

Percebe-se aqui mais uma vez como o Hope esteve envolvido com a criação deste curso em particular, além de deixar algumas das enfermeiras americanas em solo brasileiro. Esse envolvimento com a criação do curso foi significativo, fazendo o navio deixar em terra seu estoque, como diz Vera:

Ah! Ficou, ficou o que eles chamavam de base de terra, primeiro, tudo que existia de material no navio, eles doaram, material é... Vamos dizer, é... (...) De consulta, tudo que eles tinham, o navio HOPE foi vazio de material de consulta (...). Tudo doado a Universidade... (...) Mas eles priorizaram a universidade, tudo, tudo que eles tinham de descartável, de plástico, de tudo que você imaginar que eles tinham no estoque, eles deixaram e inclusive também deixaram alguns leitos, algumas mesinhas (...). Todos os materiais permanentes, também eles deixaram (Vera Monteiro).

...tínhamos poucos livros, muito poucos livros do HOPE. Tudo em inglês. Só que elas tinham algumas apostilas que mandaram traduzir (Cris).

Antes das pioneiras entrarem no tronco profissional, já havia sido definida a vinculação da teoria com a prática. Para isso os docentes se engajaram numa luta em busca de campos de prática, pois contavam apenas com o Hospital Universitário – HU, recém inaugurado, onde já existia essa vinculação visto que, cada professor chefiava uma das clínicas. Yolanda era a única enfermeira

contratada, chefiando o Ambulatório.

A gente fazia estagio lá... Era bem simplisinho né? Era só um corredor... Eu estava me achando uma pessoa super importante né? Quando eu coloquei branco e fui ali pro HU pra gente fazer os estágios de clínica médica e cirúrgica né? E era um lugar que a gente gostava de trabalhar... (Lena).

Não, tinha disciplina pela manhã e disciplina à tarde. Só depois quando você passa pra o, que não sei mais o que é hoje, Estagio Supervisionado VI, aí é que fica uma parte pra estagio e outra parte pra teoria (Ana Maria).

Não apenas o HU foi campo de prática para as pioneiras. As professoras ainda disponibilizaram a Clínica Paulo Neto, a Maternidade Sampaio Marques, a Unidade de Emergência e o Hospital Portugal Ramalho. Entretanto, a vivência das meninas evidenciaram que além desses, outros campos de estágios não-oficiais foram necessários para a complementação da formação durante a trajetória.

Com o término do ciclo básico em 75, as alunas foram recebidas Centro de Ciências da Saúde, para começar seu ciclo profissionalizante. Com o número já reduzido a nove estudantes – as pioneiras – entram nos caminhos da Enfermagem, acompanhadas das novas e antigas professoras, Cristina Figueiredo, Regina Santos, Zandra Cardoso, Vera Rocha, Lenir Nunes, Lígia Leite, e Violeta Dantas, as quais futuramente seriam chamadas de amigas. Para elas foi uma experiência muito boa:

Ah... Foi muito bom, foi muito bonito porque nós estávamos... Era uma coisa assim muito íntima, nós vivíamos nos galpões da Petrobrás, e nós arrumamos uma sala de aula de técnica com alguns manequins que o Hope doou uma sala dos professores, uma sala da chefia e três salas de aula nos galpões da Petrobrás. E foram recebidas com muita festa! (Vera Rocha).

E... Ir lá pro CSAU era uma delícia porque só ficava a gente, segundo, os professores eram poucos então tinha pouca formalidade entre os alunos e os professores. Isso de certa forma aproximava muito a gente dos professores. (Lena).

Considerações finais

Este estudo histórico social teve como objetivo descrever e analisar as circunstâncias de criação do curso de graduação em Enfermagem da UFAL, na gestão do Reitor Nabuco Lopes, em 1973.

A leitura das fontes secundárias permitiu construir a visualização do espaço social de Alagoas, em relação com o macro espaço brasileiro, para que pudéssemos compreender as relações entre os diversos agentes envolvidos na constituição do curso criado, desenhando essas relações em um diagrama explicativo.

A análise das relações entre os agentes detentores do poder e do desejo de criar um curso de graduação em Enfermagem na UFAL mostrou que houve um momento propício para que a decisão fosse concretizada, momento este caracterizado pela conjunção de várias circunstâncias como a abertura do MEC para ampliar o número de escolas de enfermagem no Brasil; a participação da ABEn Nacional fornecendo subsídios para fortalecer esta decisão; o esforço do reitor Nabuco Lopes e seu compromisso em ampliar a UFAL, como parte do projeto de publicizar o sucesso do golpe militar e o cumprimento de suas metas de ampliar o acesso à universidade pública e a presença em Maceió do navio HOPE que sinalizou para as autoridades de saúde e necessidade de haver um curso superior de enfermagem no Estado, investindo seu capital social neste sentido. Os documentos oficiais e orais analisados permitiram visualizar o movimento dos agentes no campo da saúde e da educação para compor o currículo do novo curso, a composição inicial do corpo docente, a organização do curso e a preparação do cenário que iria receber as pioneiras Ainda, as estudantes relataram a expectativa que viveram ao prestarem vestibular para um curso recém criado e ainda sem “prestígio social”, a luta pelo reconhecimento e respeito dos estudantes dos outros cursos da saúde, principalmente dos de medicina. A trajetória das pioneiras foi compartilhada com as professoras que se esmeraram na transmissão dos códigos pelos quais a cultura da Enfermagem poderia ser inculcada, por meio do ensino metodicamente organizado no currículo pleno do curso, configurando o *habitus* condizente com o *ethos* da enfermagem brasileira, apesar da influência das enfermeiras americanas, parceiras nesta construção.

Por fim, pode-se dizer que os objetivos do trabalho foram alcançados, ficando a esperança de que este trabalho estimule o surgimento de outros, como desdobramentos, preenchendo as lacunas que ainda existem na História da Enfermagem de Alagoas.

Referências

1. BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro : Zahar, 2005.
2. ROCCO, MIM; MONTEIRO, MS. A Associação Brasileira de Enfermagem e o desenvolvimento da

Enfermagem no Brasil – um caminho em construção. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.54, n.º2, p.248-252, abr/jun. 2001.

3. SANTOS, RM; LIRA, YCMS; NASCIMENTO, RF; **O Navio Hope: um novo encontro entre a Enfermagem Brasileira e a Norte-Americana**. Maceió : Edufal. 2009.

4. SANTOS, R. LEITE, J.L. **A inserção do ensino de enfermagem em Alagoas: os bastidores de uma conquista**. Maceió : Edufal, 2004.

5. CARDOSO, CF. BRIGNOLI, HP. **Os Métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história**. 6ª Edição. Rio de Janeiro : Graal. 2002.

6. ALBERTI, V. **Manual de História oral**. Rio de Janeiro : CPDOC-FGV Editora, 2004.

7. BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 3ª edição. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil. 2000.

8. MENEGUEL, S.M. A crise da universidade moderna no Brasil. In: **Seminário Internacional de Políticas e Gestão da educação Superior**. 2002. Curitiba. Anais do Seminário internacional Políticas e gestão da educação Superior. Curitiba : ILAEDES, 2002. v. 1. p. 85-89.

9. CAMPOS, A.L.V. Cooperação internacional em saúde: o SESP e seu programa de enfermagem. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**. Vol 13 n.º 3 Rio de Janeiro, May/June 2008. doi: 10.1590/S1413-81232008000300010

10. DIAS, F.C. **Construção do sistema universitário no Brasil: memória histórica do conselho de reitores das universidades brasileiras**. Brasília: CRUB, 1989.

11. CARVALHO, CHA. **Reforma Universitária e os Mecanismos de Incentivo à expansão do Ensino superior privado no Brasil (1964-1984)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.2002.

12. PAIM, L. A formação de Enfermeiros no Brasil na década de 70. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2001. v.53, n.4. p.185-196. Abr-Jun. 2001

13. GERMANO, RM. **Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil**. 3ª Ed. Editora Cortez : São Paulo. 1993.

14. BAPTISTA, S. BARREIRA, I. **A luta da Enfermagem por um espaço na universidade**. Ed. Cortez: São Paulo. 1998. (p. 38-50).

15. BAPTISTA, SS; BARREIRA, IA. Condições de Surgimento das Escolas de Enfermagem Brasileiras (1890-1960). **Revista Alternativa de Enfermagem**, Rio de Janeiro, Ano I, n.º2, p. 4-16, Maio. 1997.

16. CARVALHO, AC. **Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976: Documentário**. Brasília/DF : 1976.

17. ALBUQUERQUE, I.L. **História de Alagoas**. 2ª Ed. Maceió : Sergasa, 2000.
18. BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Serviços de Saúde Pública. **Enfermagem: Legislação e Assuntos Correlatos**. 3ª Ed. Vol. III. Rio de Janeiro : 1974.
19. ALAGOAS. Secretaria de Planejamento. Fundação Instituto de Planejamento. **Perfil Sócio Econômico do Estado de Alagoas**. Maceió. Indústria Gráfica Alagoana. 1987.
20. AZEVEDO, J. **Universidade Federal de Alagoas: Documentos Históricos**. Maceió : Universidade Federal de Alagoas. 1982.